

FIOS NARRATIVOS: UMA LEITURA SOBRE PERSONAGENS QUE LEEM

NARRATIVE THREADS: A READING OF READING CHARACTERS

Francieli Daiane **BORGES**¹

Resumo: Esse estudo é sobre leitores, leitura, personagens leitoras. A pergunta que nos inquieta é como e o que lê uma personagem que representa uma espécie de consenso sobre quem seria um leitor culto. Nesse emaranhado de procedimentos para entender a ficção, é importante ter vistas à produção de sentidos possíveis em um processo de identificação/estranhamento com as referências, os valores e a reorganização de um universo simbólico e linguístico dos romances sobre os quais nos debruçamos, especificamente a partir de uma personagem específica da série *Um Castelo no Pampa*, de Luiz Antonio de Assis Brasil. Trata-se de um contraditório senhor do século, Olímpio, e outras personagens que o rodeiam e justificam. Nesse processo, nós, enquanto críticos, podemos ser amparadas pelo conceito de *representações* (CHARTIER, 2009), para articular categorias de análise que privilegiem as modalidades e procedimentos de leitura, os repertórios de leitura dessa personagem – vislumbrando que isso ofereça rico material para a reflexão acerca dos papéis sociais que configuram a sua criação.

Palavras-chave: Leitores. Leitura. Representações.

Abstract: This is a study on readers, reading, and characters who read. The questions that bothers us is how and what a character that represents a certain consensus about what is a learned man reads. In the tangled up ways of understanding fiction, it is important to keep an eye on the production of possible meanings through a process of identification/estrangement regarding the references, values and the reorganization of the symbolic and linguistic universe of the novels we study here. This is done, more specifically, through the analysis of a specific character in the series *Um castelo no pampa*, written by Luiz Antonio de Assis Brasil. This character is a conflicted lord of its time, Olímpio, who gathers a large number of characters by his side who also justify his decisions. In this process, we, as critics, use the concept of *representation* (CHARTIER, 2009) to articulate analytic tools which place the modes and ways of reading at a brighter look. We also analyze the reading repertoire of Olímpio, in order to prospect a rich source of material that can be used as a mean of reflection about the social roles that mark its creation.

Keywords: Readers. Reading. Representation.

Considerações Iniciais

Se aparece com muita frequência, na crítica, a ênfase de um diálogo entre a literatura e o contexto histórico no qual alguns textos são ambientados, principalmente se as referências à historiografia forem mais óbvias, caso das obras aqui estudadas, é importante ressaltar que a leitura

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Santa Maria. Endereço eletrônico: francielidborges@gmail.com.

se constitui como prática cultural com características bastante próprias. Ao elencar a ideia de conjunto (esquecendo por um momento que cada leitor tem uma interpretação muito própria baseada em experiências únicas), as práticas de leitura realizadas em diferentes espaços geográficos dificilmente serão idênticas. Esses espaços também serão diferentemente constituídos, dependendo dos períodos históricos. A série literária que nos chama atenção – tratam-se de três livros, *Perversas Famílias*, *Pedra da Memória* e *Senhores do Século* – é ambientada, na maior parte das narrativas, em algumas cidades do Rio Grande do Sul, principalmente Pelotas e Porto Alegre. Essa constatação é relevante uma vez que, no final do século XIX e começo do século XX, ambas as cidades eram polos culturais do estado, sobretudo quanto à literatura e às artes. Afora o apogeu econômico-urbano dessas localidades em relação às comunidades vizinhas, a proliferação dos discursos, que incentivavam o desenvolvimento literário com a finalidade de contribuir com a formação intelectual e moral, são típicas desse período.

A partir de pesquisas feitas para compreender as referências atribuídas às personagens, observamos que era enfatizado por inúmeros periódicos que circulavam naquele período que espaços como as livrarias, jornais, associações literárias e bibliotecas eram um sinal de civilidade e boas condições sócio-culturais. É o caso frisado pelo *Correio Mercantil*, de Pelotas:

[...] Quanto às artes, aos costumes, às riquezas e aos melhoramentos locais, pode-se asseverar que marchamos na vanguarda do progresso. Temos quatro jornais diários de regular formato e três semanais, telegraphos terrestres para todo o imperio com comunicação com a Europa e republicas do Prata, officinas bem montadas que fabricam diferentes artigos de primeira necessidade, uma Bibliotheca Publica com 2.200 volumes e edificio proprio em construção, encanamento de gaz e agoas correntes, companhia de Bondes, as ruas quasi todas empedradas e uma infinidade de outros melhoramentos que parece ocioso mencionar. (*Correio Mercantil*, 05 dez. 1878, p.4)

Tal excerto, por exemplo, marca o motivo pelo qual as personagens de *Um Castelo no Pampa*, caracterizadas como a elite letrada e culta, eram representadas constantemente passeando nesses espaços, a dita vanguarda do progresso. Embora a leitura dos romances possa dar a entender que tais espaços eram praticamente exclusivos, sabemos pelos estudos de Peres (1995), que, afinal, em Pelotas, ali conviviam também um contingente de escravizados, trabalhadores nacionais e imigrantes, e ainda, desempregados, além de uma emergente classe média composta por indivíduos de serviços públicos e privados, ofuscados por praticamente toda a historiografia oficial.

De todo modo, é inegável que nesse contexto era possível estabelecer contato com a cultura europeia em voga, tantas vezes exaltada nos romances que estudamos. Se graças ao intermédio das operações portuárias, os navios carregados de charque voltavam das viagens por centros econômicos diversos com livros e magazines, entre outros objetos, talvez por esse motivo Porto

Alegre e Pelotas eram consideradas as maiores cidades da província no tocante ao avanço do comércio de livros e também, por isso, são representadas as personagens leitoras nesses espaços.

Construções da personagem leitora

Ao dar andamento à leitura dos livros, encontramos Olímpio caracterizado fisicamente como “homem belo, bel cabeça, belos cabelos grisalhos e vastos, bigode meio-viking” (ASSIS BRASIL, 1994a, p. 15) já em sua maturidade, é sobre ele que recai a maior preocupação narrativa, ou melhor, ele é um tipo de fio condutor do romances. Representado, ainda, como Doutor que cheirava a tabaco, livros velhos e goma de camisa (ASSIS BRASIL, 1994a, p. 365), é o perfil completo de um homem opulento e notável político, diferente da maioria dos tipos introspectivos retratados. É um arquétipo comum do que se julga um “homem bem sucedido” há décadas. O que o distingue nas obras é que ali são acompanhados seu nascimento e morte, juntamente com todas as fases do crescimento físico e também ideológico, detalhes negligenciados a outras personagens. Nas representações de Olímpio há leituras inscritas no espaço doméstico, e outras, que no mais das vezes aparecem em áreas externas, como as leituras de jornais em cafés. Há, também, as representações de leitura em sua dimensão ajustada à sua trajetória mais ou menos individualizada: tais relatos evocam a infância e a sua repercussão na maturidade.

A ambientação em terras rio-grandenses, quase sempre bravias, saturadas por intensas disputas políticas, realça quem eram e como agiam os homens poderosos, abastados, nesse círculo exclusivamente masculino. O cenário, inúmeras vezes, é subordinado à personagem de Olímpio, sobretudo o da biblioteca da sua casa, o castelo no pampa. Quando da construção desse espaço, embora houvesse pouco que Olímpio pudesse fazer, estava sempre com olhos nas modificações, maravilhado. Enquanto esbarrava nos operários que entulhavam a obra, dirigia-se ao amplo salão e já previa como ficariam dispostas as duas ordens de prateleiras. Sobre esse espaço reservado aos livros, ornado com tapetes persas e afegãos, é assim descrito logo nas páginas iniciais do primeiro volume:

Submergiam a Biblioteca – de dois andares, com uma passadeira de ferro a dividi-los – em uma obscuridade sufocante, mais propícia às elucubrações do Doutor do que à leitura atenta dos 25.000 volumes encadernados em marroquim verdolengo e lombadas com letras em ouro doze quilates. (ASSIS BRASIL, 1994a, p.10)

O excerto firma um recurso espacial amplamente utilizado ao longo dos romances: tal atmosfera, a da Biblioteca (grafada com letra maiúscula), é utilizada para preparar o leitor para os acontecimentos-chave na ligação dos textos, não são meras passagens verossímeis às atividades

leitoras de Olímpio. Esse espaço, diferente da representação mais habitual de local para estudos, é marcado, principalmente, para simbolizar, através das inúmeras cerimônias ali realizadas, a erudição e lugar social e afetivo da personagem. Sobre esse último, ele é ressaltado por várias passagens nas obras: seus filhos, seu neto, sua companheira, todos associam a Biblioteca como uma extensão de Olímpio e, portanto, têm uma relação afetiva com essa parte arquitetônica do Castelo. Essa ligação é reforçada, por exemplo, nos capítulos em que a personagem Selene, a filha de Olímpio, tem suas memórias acerca do pai fortemente ligadas ao espaço que abriga os livros:

Ah, são longas as noites quando o Castelo fica despovoado e apenas a luz da Biblioteca mantém-se acesa. Quantas vezes espreitei e vi, como agora: o Doutor em robe e chinelas, vagando entre seus livros, trazendo a escada portátil para um determinado lugar, não acha o que procura, depois sobe à galeria, caminha de um ponto a outro, vejo-o desde esta posição inferior, o pisar lento sobre a passadeira de ferro. (ASSIS BRASIL, 1994a, p.306)

É conveniente ressaltar que essas lembranças – em todas as personagens que as mencionam – são ligadas por profundo sentimento de admiração pelo hábitos leitores de Olímpio, associados à sua educação, bom senso e justiça, sobretudo no primeiro volume, *Perversas Famílias*, e também, mas em menor quantidade, em *Pedra da Memória*. Mais tarde, contudo, em *Os Senhores do Século*, a linha que conduz os romances, ao destacar a passagem do tempo e as relações conturbadas do Doutor com a sua família, mostra que esses sentimentos anteriores das demais personagens ligadas a ele passam por intensa transformação e dão lugar às sensações de ciúme pelo espaço, de abandono e descrédito do pai e marido. Olímpio não raro trocava quaisquer momentos em família para ouvir “o balir das ovelhas de Virgílio” (ASSIS BRASIL, 1994b, p. 173) na Biblioteca.

Nas passagens dos capítulos que atentam à constituição da Biblioteca, há um zigzaguar narrativo. Por exemplo, em no mínimo duas circunstâncias é abordada a sua construção, a ordenação dos livros, a quantidade de exemplares, os títulos em línguas estrangeiras que o espaço contempla, pormenores das capas e demais páginas, as coleções, enfim, detalhes diversos:

Se vê, alinhado em duas ordens de prateleiras com uma passadeira de ferro a dividi-las, os seus futuros 25.000 volumes. Destes, já possui 2.100, espalhados pela casa, pela estância, pelo Solar dos Leões e pelo seu quarto no Hotel Central em Porto Alegre; aqui todos os livros serão reunidos – aqui será o templo da cultura e do progresso, para onde acorrerão todos os sedentos de saber. (ASSIS BRASIL, 1994a, p.387/388)

É compreensível que o projeto engajado de Olímpio – dado sua vertente política e o que ela buscava representar em seu período de ascensão –, nesse trecho da linha condutora dos romances, contemple os livros e um espaço adequado para abrigá-los, afora servir de local para estudos ou mesmo leituras informativas e corriqueiras. No entanto, uma passagem especialmente

reveladora é a ocasião em que se decide pintar um quadro do “chefe da família” que ficaria ostentado na parede do Castelo, hábito bastante comum à época, a imagem que se pretende perpetuar (talvez uma das mais fieis representações do desespero na permanência de *status* dos políticos de origem nobre do país), aquela que parece mais adequada, seria a de Olímpio culto, leitor. Chamam o pintor Frederico Trebbi (a personagem evoca um pintor homônimo (1837-1928), radicado em Pelotas), que sugere o que todos acatam e julgam conveniente: que a pintura tenha, como fundo, “as prateleiras da Biblioteca, um livro aberto junto ao bureau, um ar sábio...” (ASSIS BRASIL, 1994b, p. 319).

Ora, outra questão importante de assinalar é que as representações da personagem leitora na Biblioteca como modelo não são apenas diversas, como podem pressupor seus contrários. Se é vantajoso por ser bem visto ter vasta quantidade de livros e permanecer em espécies de templos rodeados por eles, ainda que o principal objetivo de abrigá-los não seja sempre e exclusivamente para lê-los, a existência de modelos valorizados significa imagens desvalorizadas: as leituras tidas como legítimas, distintas, instruídas, indicam que existem seus opostos – quanto a esses últimos, ocupam nos romances o mesmo lugar que ocupavam e ainda ocupam socialmente, o de subalternos.

A preferência política da personagem é evidenciada aos poucos, passa por descobertas, desilusões, contradições. Na juventude da personagem, por exemplo, embebido nas fontes liberais, ridicularizava Augusto Comte em público e em privado, o que lhe gerava inimizades. Na página 27 de *Perversas Famílias* há um excerto que afirma que o futuro Doutor pregava por uma república civilizada, onde todos os cidadãos tivessem acesso ao poder, e não apenas aqueles mais iluminados – afirmando que existiam os pretensamente iluminados –, “leitores de prefácios” e que mal sabiam escrever um bilhete em francês. “Este se enjoava de tantas vulgaridades, alegando que política não se fazia assim, mas com sabedoria e cultura” (ASSIS BRASIL, 1994a, p. 14). Em seguida, a personagem revê sua postura, o que não a torna necessariamente menos ensimesmada, e é interessante ressaltar que em inúmeras passagens dos romances chega a contracenar com Júlio de Castilhos, importante figura histórica do Rio Grande do Sul:

Olímpio passa a noite em claro, na Biblioteca. Ele já sabia que Júlio estava incumbido de escrever uma Constituição para o Estado. ‘Quer-me para isso’. Sem muito ânimo, vai à estante e de lá retira a Constituição dos Estados Unidos e traz para o bureau. (ASSIS BRASIL, 1994b, p.119)

Em um dos diálogos com Júlio de Castilhos, Olímpio é convocado para auxiliá-lo politicamente, “seus livros mudaram a face do Rio Grande” (ASSIS BRASIL, 1994b, p.123), afirma. Aqui fica salientada, além do sucesso no empreendimento de Olímpio em ter reconhecida a sua

vasta cultura e a leitura abundante ligada à sua posição social, a importância que a política vê em ter como aliada a imagem do homem culto. No entanto, frisamos, como aliada, e não como representante principal. Todos consideravam Olímpio como chefe, mas o deixavam fora das decisões: “O Doutor é lá com os livros, a guerra é conosco” (p. 374).

Olímpio resvala no que Chartier (2011) alerta: não se pode conferir extremo poder aos textos literários, como se estes fossem os supremos salvadores de tudo o que existe. Muitos são os distanciamentos silenciosos, e se Olímpio vê com bons olhos a alcunha de Doutor “ilibado”, não quer dizer que todos vejam.

A infância da personagem que lê

Parece interessante observar que a leitura entrou na vida de Olímpio ainda na sua infância, já que era uma hábito familiar. Quando este era ainda bem pequeno, sua mãe, cujo narrador da série reserva alguns capítulos no primeiro volume, lia para ele trechos selecionados de romances:

Tradiziu-lhe de viva voz *Le Génie du Christianisme*, explicando-lhe as passagens obscuras. Durante a leitura, por vezes, Olímpio vinha aninhar-se aos pés do pai e ali ficava, a cabeça inclinada, atento ao rumor das palavras: também adormecia, e a mãe e o pai olhavam-no com afeto e a leitura era suspensa por instantes para ser retomada em tom mais baixo. Depois de Chateaubriand, D. Plácida quis ler poemas, mas João Felício recusou: não os entendia em absoluto e, de mais a mais, considerava-os perda de tempo – ele que possuía todo o tempo do mundo. (ASSIS BRASIL, 1994a, p.213)

Os livros, a princípio, se configuram como peças do mobiliário de um interior burguês com os quais os adultos, de maneira geral, mantinham uma relação ritualizada. Antes de ser o vetor do texto, portanto, o livro se apresenta como objeto de culto, instrumento de uma estranha liturgia. Esse processo de exemplificação para o leitor da série parece querer reforçar a principal dimensão do livro: objeto litúrgico do ofício intelectual (FRAISSE, POUPOUGNAC & POULAIN, 1989).

A leitura materna habitualmente conduz os filhos aos horizontes dos livros. Essa representação da mãe também serve ao narrador como forma de revelar o meio cultural em que nasceu a personagem e, com base nisso, do que se sente próximo e separado no decorrer da vida. Se o repertório textual é marcado pela forma como se dá a instrução, sobretudo a primária (como indicam os estudos da Educação que fazem correr muita tinta), o modo de apropriação dos primeiros textos e a repercussão na trajetória pessoal deriva também das características de como foi a introdução ao hábito leitor.

Geralmente, quando aparecem uma mãe com seu filho na atividade leitora, no longo percurso literário, a cena é narrada como espécie de relatório pedagógico, com cada um possuindo

seu próprio livro. Seus universos costumam ser representados próximos ao mesmo passo que separados. Para Olímpio e Dona Plácida, porém, há ruptura com essa tradição: as representações ali são da leitura de deleite, da leitura em voz alta para um ouvinte atento. Contudo, o desenrolar da narrativa reforça que não se passa da condição de ouvinte literário a de leitor sem uma ruptura. Mais tarde, Olímpio e a mãe, Dona Plácida, diferem do gosto leitor. Esse distanciamento contribui para desfazer o universo mental de referência e possibilitar o acesso a novas leituras da personagem jovem.

Olímpio tem frisada a sua facilidade em aprender, isso nas páginas que se dedicam a observar seus primeiros passos. Na qualidade de evidência sobre as representações das práticas culturais localizadas social e historicamente, a conquista da personagem da decifração dos materiais impressos é facilitada por uma espécie de herança, um sistema de referências possibilitado pela leitura no espaço familiar e pelo contato com o objeto livro. Sua iniciação aos estudos acontece através de um professor, a personagem Félix Del Arroyo. Tais ensinamentos abriram em Olímpio o desejo de compreender, contudo, isso não quer dizer que esteja na origem da necessidade de leitura. “A razão primeira dessa necessidade reside inicialmente nela mesma” (FRAISSE, POUPOUGNAC & POULAIN, 1989, p. 38).

Essa liberdade, na maioria das vezes, é acompanhada de uma estratégia para driblar a leitura imposta – ou solicitada por ser nobre –, no caso de Olímpio. Ele tem suas leituras guiadas cuidadosamente. A regulamentação assume a forma de uma escolha imposta, de um sistema de permissões e proibições em forma de “estímulo” – ele inicialmente tolera essa imposição velada que mais tarde fazem eco a uma inquietação maior.

Por exemplo, os versos que escreve e mostra à mãe, baseados naqueles que lê autonomamente, sempre são vistos sem interesse por ela ou classificados como de má qualidade. Essa espécie de afronta faz crescer a multiplicidade e diversidade de objetos lidos, aumentando o capital cultural do rapaz. Também, de forma mais profunda, ele muda sua relação com os próprios escritos, construindo um novo horizonte de expectativas e passando à prosa. A leitura da mãe de um gênero mais romanescos, voltado sobretudo às temáticas estéticas de evasão ou idealização, em quase nada se comparam com as preferências do filho.

Olímpio jovem é narrado como aquele que sempre está empunhando algum livro. Nesse período, sobretudo, tamanha era sua impossibilidade de deixar de ler que tal objeto era compreendido como necessidade básica, carregado juntamente com o chapéu de sol, fiambres, latrina portátil e um garrafão de água. Nas viagens também era leitor, tanto ou mais do que nos outros espaços em que era narrado seu cotidiano. Essa afirmativa pode ser evidenciada na passagem que marca o seu embarque em um trajeto ininterrupto de uma semana com destino à cidade de Rio

Grande, a bordo daquele que descreveu como o fedorento navio Lloyd. Ali leu todo o *Principles of Political Economy*, de Stuart Mill, e o *Cours de Philosophie Positive*, de Augusto Comte – livros símbolos do seu período de início de engajamento na vida política.

A personagem que lê vira autor

Mais uma passagem que costurada às outras auxilia na construção de Olímpio enquanto personagem com muitos aspectos a considerar acerca da maneira como são compostas as representações de leitores, levando em conta um contexto semelhante ao ali narrado, é que ele também chega a escrever dois livros. Um em versos e outro em prosa. Na realidade, não são poucos os livros que giram na espécie de órbita criada para Olímpio: além daqueles que ele escreve e publica, também há a narrativa que atenta à feitura de sua biografia, escrita pelo amigo Câncio Barbosa. Ambos os livros idealizados pelo Doutor, embora dentro de suas especificidades, têm em comum um viés político. Para que houvesse a publicação do seu livro de poemas românticos intitulado *Alucinações*, que havia escrito em 1880, o primeiro deles, portanto, a personagem mandou imprimir às próprias custas na editora de São Paulo. Esse era um compilado recheado do que o nome sugere, composto em versos elegantes que lamentava a sorte dos escravizados e previa o fim do Império. “*Alucinações* era uma brochura *in-8* em excelente papel holandês, com o título sob forma manuscrita, produto de preguiça de um colega, desenhista amador. Dos quinhentos originais, foram vendidos apenas 62 volumes (p. 27)”.

As relações com a própria obra mudam com o passar do tempo. Já na velhice, os volumes restantes foram recolhidos pelo autor envergonhado pelos erros tipográficos e, ainda, porque haviam sido descobertos inúmeros versos “pé-quebrados”, “devidamente denunciados em um artigo arrasador publicado no *Correio Paulistano* (p. 27)”. Olímpio se torna, com o passar dos anos e do número de páginas, um leitor experiente, e a partir disso, o maior crítico das próprias produções. Esse é um dos principais estágios da apropriação do leitor: reconhecer as qualidades e superficialidades dos textos com os quais está familiarizado, além disso, apreciação dos pontos que julga positivos ou negativos nos escritos são melhor percebidos a partir de um distanciamento temporal. Somado a isso estão os acontecimentos que lhe pertencem e que cindiram algumas apreciações políticas do Doutor versadas em sua primeira obra, principalmente.

Um excerto que assinala essa questão é aquele na qual é narrada a descoberta de um dos exemplares de *Alucinações*, em *Senhores do Século* – o narrador retoma tal livro do Doutor apenas no último volume de *Um Castelo no Pampa* – e é ambientado em um dos habituais passeios por livrarias que Olímpio faz juntamente com o seu empregado Raymond. O livrinho, exposto na livraria entre

as obras de expressivo reconhecimento de Dante e Petrarca, é uma sátira, armada por seus inimigos políticos, como se deduz, e objetiva fazer chacota com os versos juvenis de Olímpio. Tal situação, além de evergonhá-lo, reforça a sua convicção da péssima qualidade dos seus escritos. *Alucinações* rende, ainda, juntamente com o *História da Grande Revolução*, outro trecho de *Um Castelo no Pampa*. Anos mais tarde, já idoso, enquanto passeia pelas livrarias com o amigo Câncio, encontra com ambos os volumes. A opinião arraigada que seus feitos literários não prestam caminha de mãos dadas com a crescente falta de entusiasmo pela vida, característica da velhice da personagem.

- Então, Câncio, vamos olhar as livrarias?

- Aceito o convite.

Olímpio, apóia-se no braço do amigo.

- Ando meio afastado dos livros.

Na primeira em que entraram, o Doutor percorre os volumes expostos, nada que não tenha na Biblioteca.

- É o que dá possuir tantos livros, Câncio, nada é verdadeiramente novo, só mudam os títulos, mas a matéria é a mesma.

- Mesmo esse? – Câncio mostrou-lhe um exemplar da *História da Grande Revolução*.

- Valeu a pena escrever isso?

- Foi o início da sua carreira, Olímpio.

- Carreira... não gosto dessa linguagem de hipódromo.

Câncio repõe o volume na estante.

- É como se diz hoje.

- Tempos cavallares? Vamos embora. Talvez encontremos algo que preste em algum sebo.

(...) *Alucinações* – quem imaginaria ver ali, trazido por aquelas mãos mercenárias e sujas, de unhas negras, o primeiro livro, aqueles poemas desatinados? Alguém o comprou para bajulá-lo e nem teve a honradez de abri-lo. Olímpio quer resistir à tentação, mas não consegue: na folha de rosto ali está a sua dedicatória a um dos colegas republicanos da Academia, escrita em letra pernóstica e vazia. ‘ O Augusto. Nunca poderia pensar. Falou tão bem dos meus versos...’

- Então? Gostou do presente?

O livreiro chega-se perto, e seu guarda-pó tresanda um odor de cachorro.

- Muito. Ei, Câncio, vamos embora.

- Já?

- Mas foi o suficiente.

Olímpio levanta-se, agradece o livro e o cafezinho mal-bebido e despede-se. Quando estão a uma quadra de distância, ele procura uma lata de lixo e joga ali o volume, entre as latas de sardinha e as cascas de bananas.

- Triste ideia, essa, de olhar as livrarias. (p.216/217)

Quanto ao outro escrito de Olímpio, intitulado *História da Grande Revolução*, obra em que objetivava disseminar seus ideais políticos republicanos, é feito com bastante entusiasmo. Afinal, o projeto pretendido ali, mais especificamente, é colaborar para a criação e manutenção da “pátria gaúcha”. As mesmas opiniões que geram admiração também forçam inimizades e isso, somado ao período de instabilidade, faz com que a personagem se exile na Áustria. Seus hábitos de leitura, graças à essa conjuntura, não só não perderam o ritmo como se intensificaram. Não raro ele e sua

esposa, a Condessa Charlotte, ficam entretidos em longos passeios por livrarias. Também são elas que propiciam a informação e a reflexão de Olímpio sobre a política brasileira.

Motivado por suas novas leituras, somadas à desilusão com a vida dos negócios públicos, o Doutor resolve voltar para o país para tentar reverter aquilo que julgava ser o centralismo positivista responsável pela ditadura de Júlio de Castilhos – aquele que, anteriormente, era seu aliado político e que via na dupla com Olímpio a construção de uma face erudita do próprio governo. A mudança de hábitos começa já no Castelo – logo que retorna já solicita que, além do francês, se fale inglês. “Até a roupa inglesa é melhor” (ASSIS BRASIL, 1994b, p. 240), diz, mostrando seus ternos. Tais modificações acontecem não somente devido aos seus últimos anos e ao modo como os viveu, mas também acompanhando a tendência dos costumes aristocráticos da época.

Mais tarde, percorre a Biblioteca procurando os livros que julga inúteis com a finalidade de descartá-los. Já há muito o diálogo da personagem frente às leituras em conjunto com a Condessa evidenciam o seu descontentamento literário – a impressão que se tem é que a falta de entusiasmo com os livros está diretamente ligada à nova fase da personalidade de Olímpio. Há um excerto de *Os Senhores do Século* que apresenta esse momento, no qual, diante da leitura de um poema, ele comenta tal fase:

- Então, Olímpio, não há sentimento?
 - Só há choradeira. Charlotte, por favor, mande trazer um lenço para as lágrimas, não suporto – e o Doutor explica que a poesia, só de 1800 para baixo. O resto é frescura. – E, de mais a mais, vamos acabar com isso. As discussões teóricas agora me dão imenso tédio. Literatura... quantas besteiras se dizem em teu nome? (ASSIS BRASIL, 1994c, p.312)

Quanto ao descarte de livros, nessa busca, incinera 132 volumes de poesia, dos quais reserva os clássicos ao estilo de Camões e Dante. Com o rosto em brasa pelas labaredas da pilha literária ele diz: “Cheguei a uma conclusão inesperada: poesia, pra mim, é de 1800 para baixo” (ASSIS BRASIL, 1994b, p. 114). Inúmeras poderão ser as especulações sobre o motivo de tal atitude, haja visto que a personagem, amante dos livros e do *status* que eles afirmam por seu simples acúmulo, jamais, em outras circunstâncias, os queimaria. No entanto, essa passagem pode fazer referência à vergonha que Olímpio sentiu pela sua mal sucedida carreira de poeta, no caso do livro que publicou no auge da juventude, *Alucinações*.

A personagem que lê justificada por outra personagem leitora

A narrativa, ainda, faz inúmeras referências à Urânia, sobretudo em *Os Senhores do Século*. Essa personagem se configura, na obra, como a amante erudita e apaixonada de Olímpio. Ela surge, nos escritos aqui estudados, ainda bem jovem, chamando-se Nini, ao lado de sua família no campo. Tendo problemas sérios de convivência com a mãe extremamente religiosa e rude, aconchega-se nos braços do pai – de quem herda uma boa quantidade de livros. Em uma das passagens, suspeitando de algumas das atitudes e distanciamentos do pai, além de embasar-se nos comentários da mãe, Urânia conhece o antigo caso extra-conjugal do progenitor. Ela descobre a casa onde aconteciam os encontros furtivos e ruma para lá por curiosidade. Nesse excerto ambas as mulheres, Urânia e a amante de seu pai, conversam em tom de resignação – a moça, sem saber, movida também pela profunda empatia que sente por aquela que tanto conviveu com a sua referência paterna, absorve o modo de pensar de uma pessoa alheia ao *status* conjugal, chegando a julgá-lo, de certa forma, poético. Ela reflete, ainda, que aquela mulher sempre esteve em uma situação muito melhor que a própria mãe, Dona Cândida, constantemente amargurada, desgostosa com a vida e o descaso do companheiro que convivia com ela por aparência.

Urânia é leitora absorta e vive um tipo de romantismo contemplativo frente à natureza. Quando conhece Olímpio por acaso, no mesmo período narrativo da construção do Castelo e ainda com a alcunha Nini, é embebida pelo sentimento imediato que aquele será “o homem da sua vida”. Nessa ocasião, também, o Doutor elogia a sua coleção de livros e o fato de, mesmo sendo uma mulher, que seja afeita aos hábitos literários. Embora sigam outros caminhos por anos, em determinado momento se reencontram na ocasião de um jantar no Castelo dado à sociedade gaúcha abastada. Urânia adentra tal espaço atenta aos detalhes que Olímpio vê todos os dias, mergulhada em um estado que julga quase espiritual, “vendo o fulgor da famosa Biblioteca e seus milhares de livros e julgando sentir um vago e másculo aroma de tabaco impregnando as cortinas” (ASSIS BRASIL, 1994c, p. 250). Durante o jantar propriamente dito, a Condessa Charlotte, atenta aos olhares que a convidada reserva ao anfitrião, estimula o diálogo entre ambos. Ela ainda preocupa-se em elogiar a beleza da moça diante do marido e solicita imperiosamente que este a acompanhe até a sua casa, em uma espécie de previsão da consumação da traição. Nessa altura, os leitores já sabem que a vida amorosa de Charlotte e Olímpio é problemática e podem suspeitar que a Condessa esteja manobrando uma possibilidade de tornar mais suportável o cotidiano de concessões sexuais – inclusive, o primeiro contato entre ambos se dá em forma de estupro – que é obrigada a acatar. A traição é o que realmente acontece naquelas páginas. As referências de submissão daquelas mulheres, que incomodam a primeira leitura ou que fazem desconfiar de uma engenhosa intencionalidade narrativa, têm ar mais ou menos amenizado como melancólico ou apaixonado, mais tarde se revelam enquanto referências mais ou menos gratuitas – o que na

realidade explicita muito acerca do lugar social das mulheres, que é mantido sem grandes traumas pelo narrador.

Os amantes têm o hábito de compartilhar longas leituras por muitas noites, principalmente aquelas em que Olímpio confessa seus medos, problemas no casamento e na política. Urânia ainda é a responsável pelos nomes dos filhos do Doutor com a Condessa, já que não pode ter os próprios. No solar que habita, ela tem um quadro cuja modelo é Charlotte – diz que a beleza e a nobreza da mulher de Olímpio a enaltecem. Quanto às leituras que compartilham, abaixo está um dos excertos de *Senhores do Século* que refere-se a elas:

- E teremos leitura hoje?
- Qual você prefere?
- Qualquer passagem dos gregos. Preciso dos gregos, dos seus ideais, da sua força ingênua e primitiva. A política, hoje, não tem mais grandeza. É preciso conciliar, fazer alianças. Sim, conciliar. Esse verbo que tão poucos conjugam aqui no Rio Grande. (p.17)

O hábito de compartilhar leituras, para Olímpio, no espaço reservado, é um ato cheio de emoções: primeiro, com a mãe; depois, como uma maneira da personagem engrandecer a si. Isso reforça certo aspecto fálico da relação da personagem com os livros e com a Biblioteca – de tal modo que as cenas de leitura acabam substituindo as cenas de sexo, como vimos há pouco. Nos momentos íntimos, Olímpio é “O Senhor”, “O Doutor”, diferente do que acontece fora dali, em que a personagem é marcada por um tipo de impotência política. Para ele, a leitura é um instrumento de dominação sob as outras personagens, mas só no âmbito doméstico.

Observamos que mesmo as falas de Urânia são restritas nos diálogos com Olímpio – e mais: restritas às vontades dele. Urânia é a representação de uma amante resignada, ou mesmo satisfeita com a condição social de isolamento que lhe é reservado. Em vários dos momentos compartilhados com Olímpio a sua postura é de serenidade, fidelidade. Como outras mulheres da série, ela aparece, no mais das vezes, feliz em sua sujeição. Mesmo quando Olímpio a pergunta se tal modo de viver não lhe é prejudicial – sabendo, naturalmente, que a resposta será negativa – e ela dá a entender que algumas mulheres sabem, desde sempre, que isso é o que o destino lhes reserva.

Essa dinâmica é elucidativa quanto ao modo de tratamento das mulheres ao longo dos dois últimos séculos. Os homens narrados veem com naturalidade que os contratos das relações monogâmicas sejam rompidos por eles. As mulheres, ali, ou parecem não se importar com tal unilateralidade de direitos, quando não são ignorantes quanto a existência desses; ou, ainda, vivem em contínua tristeza por não concordar com tal modo de funcionamento social. Atos de rebeldia não são evidenciados ou insinuados com ênfase. Sem o risco de anacronismo, é sensato acrescentar

que as personagens leitoras de inúmeros textos sobre o referido período histórico e localização geográficas não têm semelhante viés representacional na literatura brasileira publicada nos anos 1990. As personagens mulheres reforçam a tônica literária de servirem para justificar as personagens homens.

A personagem que lê como tema de um livro, um *mise en abyme* possível

Outras passagens textuais que merecem destaque são as que se referem à personagem Câncio Barbosa. Amigo de Olímpio, o acompanha por parte da sua trajetória política e pessoal, sobretudo após o seu retorno ao Brasil. Praticamente integrante da família, participa, inclusive, das leituras compartilhadas no Castelo. Após esses momentos, nos quais muito da personalidade de Olímpio é evidenciado, Câncio diz estar disposto a escrever uma biografia do Doutor, anotando frequentemente as falas, gestos, hábitos e providências públicas do político. Câncio tornou-se, mais que tudo, confidente de Olímpio. Ele opina, por exemplo, sobre a aposentadoria do Doutor, dizendo que o amigo já fez sua parte e doou-se bastante ao Brasil, e que já deveria, como Voltaire, dedicar-se ao seu jardim. A perspectiva da velhice, no entanto, deixa Olímpio descontente, e enquanto a personagem encaminha-se para o *bureau*, onde estão as suas canetas, “seus manuscritos, os livros ainda com os marcadores assinalando as páginas”, pergunta-se “o que lhe restará, agora, com todo o tempo do mundo, condenado a esta imensidão de livros” (ASSIS BRASIL, 1994c, p. 266).

A interação entre os dois desmascara as formas do fazer literário dos autores e a maneira como procedem quanto às modificações ditas factuais. Além disso, os atos são mencionadas de modo hesitante, o que é um velho truque ficcional, já que a verossilhança é melhor obtida mediante uma fingida falta de certeza. Por exemplo, em inúmeros momentos, durante a escritura da obra, Câncio discute com Olímpio sobre qual seria a melhor forma de colocar textualmente as situações, as frases, a sua postura, os comentários aleatórios que venham à calhar. Em determinados momentos suas atitudes junto ao autor até criam certo desconforto. Incerto sobre os rumos da obra, proíbe Câncio de escrevê-la – o entusiasmo do amigo desarma qualquer atitude nesse sentido –, ideia da qual não só volta atrás em seguida como ainda a desfaz completamente ao ler passagens de Shakespeare para citar em momentos oportunos. No entanto, o Doutor nem sempre fica plenamente à vontade por julgar “impossível viver com alguém anotando todas as ações, solenizando-as em episódios no tempo pretérito, como num romance” (ASSIS BRASIL, 1994c, p. 270).

Graças ao livro, também mantinha bastante cuidado com as correspondências que guardava, afinal, poderiam mais tarde vir a se constituir como um volume enaltecedor da sua

memória. Concluía algo melancólico que, afinal, escrevia-se para o futuro. Por esse motivo, passa a receber Cândia constantemente na Biblioteca:

A obra progride, e a *Volta às origens* dá-se de modo calmo, ‘como um rio que deliza mansamente para o mar’. A cada vez, discutem toda a obra, parágrafo por parágrafo, entre goles de chá. O Doutor sempre conclui que há detalhes de estilo que podem ser alterados, como por exemplo aquela passagem em Santa Maria, quando ele, em campanha eleitoral, amparou os estertores de um moribundo na praça.

- Seu ato de humanidade, Olímpio. Você disse palavras inesquecíveis. – Lê: Enquanto eu existir, ninguém morre como um perro à minha frente.

O Doutor pensa, olha para as próprias mãos e, erguendo a cabeça, dita:

- ‘Enquanto a vida me sustentar os passos, ninguém morrerá ao desamparo’.

- Não é a mesma coisa?

- Não, é mais belo.

Seguem refazendo, em geral por duas ou três tardes. No fim de um desses períodos, Cândia larga a caneta sobre o bureau, tira os óculos de aros prateados, massageia os olhos:

- Sabe o que eu penso? Que nós retocaremos tanto que vamos esquecer do que era verdade.

- Mas teremos a verdade da História. (ASSIS BRASIL, 1994, p.287)

Assim, essas passagens também deixam antever ou mesmo especular o conteúdo das biografias – e como podem ser mais ficcionais do que seus autores e/ou personagens principais admitem. Embora o escritor conviva diariamente com as observações ditas por Olímpio, naturalmente, nem todas iriam para o livro de Cândia em andamento na época, vide as ressalvas de um diante das afirmações do outro. Caso da passagem a seguir:

O Doutor se mete na tarimba do camarote, e à luz de uma lâmpada de acetileno relê *Os sertões*, enquanto Cândia tenta escrever na pequena mesa de ferro onde se equilibra uma moringa com água fresca.

- Diga-me, Cândia, como é que sobrevive a gente do Nordeste, sem campos nem água, com o calor torrando os miolos?

- Vive como pode, da mão para a boca.

- Pitoresco – e o Doutor dá um bocejo. – Nossa país é curioso, tão rico e tão miserável ao mesmo tempo. – E apaga a luz, certo de que navega em direção ao inferno.

Indormidos e com os estômagos queimados pela peçonhenta comida do navio, atracam em Aracaju – o comandante, um baiano de cabelos pintados e ar profundamente infeliz, insistia em homenagear os seus passageiros. [...]

- Por incrível que pareça, Cândia, me sinto mais em casa em Buenos Aires do que aqui. Recuso-me a acreditar que isto também seja o meu país. Mesmo a riqueza, aqui, é uma riqueza miserável. Até os ricos vivem mal, nesses casarões despídos.

- Quantas queixas... no Rio Grande é a mesma coisa.

- Mas enfim lá temos uma tradição rústica, de guerras e revoluções. Nós consolidamos as fronteiras do Sul. É natural que sejamos ascéticos. Mas aqui...

- Aqui o Brasil começou.

- Cronologicamente, sim, mas nós é que demos vida à nação – Olímpio arreda dos lençóis, como a afastar os argumentos de Cândia Barbosa. – Como é que se

pode viver, aqui nesse lugar ambíguo, nem Sul, nem Norte? E o gado? Viu o gado? De raça indefinida, só couro e osso, mal se sustenta nas pernas, e no entanto os daqui acham de primeira... E as festas, então? (ASSIS BRASIL, 1994c, p.166/167)

Essa passagem chama especial atenção nas obras analisadas. Mesmo tendo em mente a personagem inserida em um determinado espaço abastado já no século XX, no caso desse momento da obra, a finalidade de tal observação no plano temático não fica clara e nem é desmentida. Enquanto que por um lado pode se configurar como simples comentário da personagem, refletindo a partir de um ponto de vista bastante específico e recorrente que quer ser retratado, por outro, fica nebulosa a intenção de tal momento narrativo, uma vez que não constitui base para o que será narrado a seguir e nem explicita ou induz uma compreensão do anteriormente dito. Parece ser tão somente um comentário fora de propósito na narrativa e no entanto carregado de um peso difícil de ignorar.

É imprescindível considerar que os procedimentos e condições de produção afetam permanentemente a elaboração e a recepção das obras “segundo um movimento dialético de avanços e recuos na história, ao longo do qual se agregam novos conhecimentos e ampliam-se as interpretações” (CHARTIER, 2011), e que as edições, embora sejam transitórias e volúveis, dizem muito acerca do período de produção.

Na orelha da capa de *Perversas Famílias*, apresentação breve do primeiro livro da série, lemos:

[...] Eis alguns dos ingredientes que destinam *Perversas Famílias* a ser mais um espetacular sucesso: hoje, mais do que nunca, o público culturalmente bem-formado deseja conhecer melhor o país em que vive, talvez à buca de uma identidade um pouco massacrada pelas generalizações do mundo pós-queda do Muro de Berlim. (ASSIS BRASIL, 1994a, s/p)

Quem seria o “público culturalmente bem-formado”? Diante disso, talvez seja possível compreender quais são as expectativas de leitura em tais obras e, assim, as motivações de algumas observações ficam mais evidentes.

De volta à personagem Câncio e à escritura do livro que contará a vida de Olímpio, assim que a última palavra da obra é colocada em papel, quinze anos após o início da sua feitura, o Doutor morre de mal súbito. Tal passagem dá ênfase a uma possível compreensão de Olímpio ser relacionado aos livros ao ponto de o fim de um ser o de ambos em uma espécie de *mise en abyme* literário. Junto ao corpo do Doutor são encontrados inúmeros papéis com excertos de grandes obras anotadas, para o espanto de sua esposa e da governanta.

(...) esse retorno às origens de repente parece banal, pastoril demais para uma vida com tantos capítulos empolgantes. Mas sempre há a solenidade da velhice

que pode ser aproveitada literariamente, esse andar compassado pela saleta, esse ar de senador romano, que com o tempo foi se acentuando. ‘Saberei transpor isso para o papel?’ (ASSIS BRASIL, 1994, p.365)

O projeto da obra é finalizado junto ao sussurro de Cândia, que lamenta que a obra termine de forma aguada.

Olímpio nos parece livresco sob todos os sentidos: ele cresce e se constitui junto aos livros; morre com o fim do livro sobre ele mesmo, o que confunde vida e biografia; é velado junto aos livros. Também é livresco porque é construído como uma coleção de lugares-comuns sobre o que seria um leitor culto e bem-formado, seja da virada do século XIX, seja da virada do século XX. Tudo isso, com a ratificação do narrador.

Considerações finais

Conforme vimos, em muitos casos as representações da leitura colocam o narrador como posição de *voyeur* em plena invasão da intimidade; outras vezes, elas acontecem no exterior do espaço doméstico; em outras situações, ainda, elas aparecem inseridas na narrativa como se estivessem prontas para uma fotografia, pousando no texto em forma de mulheres sorridentes e comportadas com seus melhores vestidos e livros na mão em espaço público. Se é verdadeira a afirmação que a história e a literatura dialogam, nos textos estudados, a tal ponto de se confundirem, tal diversidade de discursos nos livros analisados se inscreve como uma série de usos sociais reforçados no texto literário.

Bibliografia

- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Os Senhores do Século*. Porto Alegre, 1994.
 _____. *Pedra da Memória*. Porto Alegre, 1994.
 _____. *Perversas Famílias*. Porto Alegre, 1994.
 BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
 CHARTIER, Roger. *A força das representações: história e ficção*. Chapecó: Argos, 2011.
 _____. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
 FRAISSE, Emmanuel; POUPOUGNAC, Jean-Claude; POULAIN, Martine. *Representações e imagens da leitura*. São Paulo, 1989.
 PERES, Eliane. *Templo de luz: os cursos noturnos masculinos de instrução primária na Biblioteca Pública Pelotense: 1875-1915*. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 1995.

Chegou em: 15-02-2017

Aceito em: 17-03-2017